

## POPPER vs. KUHN

### Leitura dramática para o lançamento da obra “Temas de Metodologia da Pesquisa em Direito”

Daniel Nicory do Prado

Nota ao diretor e aos autores:

Esse é um texto redigido por um ex-contista e ex-cronista enferrujado que se refugiou na literatura jurídica e, em seus tortuosos caminhos, tem sido feliz. Perdoem os excessos e inabilidades que decorrem da falta de prática. Pretendo retomar a produção literária algum dia. Minha última tentativa foi medíocre, mas ainda não desisti. Se puderem, façam desse texto algo melhor do que ele é no papel.

Descrição da cena:

Mesa de Bar. Segunda metade da década de 1960. Londres ou Nova York, vocês decidem. Karl Popper é austriaco, vive no Reino Unido, e tem 60 anos; Thomas Kuhn, americano, 40. Popper, o mais velho, já está sentado. Kuhn se aproxima, pede assento, e o diálogo começa.

**Kuhn** – Professor Popper, obrigado por ter vindo, fiquei muito feliz com a aceitação do meu convite!

**Popper** – Pois é, Kuhn, meu jovem, já há algum tempo eu pretendia falar com você...

**Kuhn** – Não posso dizer que estou surpreso. Sei que andei despertando a sua atenção com as minhas últimas declarações. Vou até deixar para depois o que iria lhe dizer. E então, o que o senhor me diz?

**Popper** – Li seu livro e fiquei decididamente decepcionado. Confesso que fui me empolgando com a leitura fluida e desafiadora. Há muito tempo não via nada tão ousado e consistente. A descrição precisa dos paradigmas, a percepção de que eles são teorias abrangentes, verdadeiras cosmovisões para o cientista, mas que, ainda assim, não dão todas as respostas e precisam ser aperfeiçoados. Tudo isso me encantou pela sua habilidade em recolocar uma grande questão do conhecimento em termos simples. Mas a sua tese de que o conhecimento não avança pela acumulação, tenha paciência...

**Kuhn** – Professor, fico honrado com a sua crítica, mas insisto que a acumulação não é possível. O que acontece com os paradigmas, quando a fé da comunidade em sua consistência é abalada, é um verdadeiro abandono, e não um aproveitamento parcial. A mudança é completa; o que

há, no princípio, é o convívio entre seguidores dos dois paradigmas, que dá a ideia de uma transição, que é bem mais social, e até geracional, do que epistemológica. A ideia nova já surgiu, a velha sofre para manter o crédito para quem quer que seja. E o tempo se encarrega da mudança. Os seguidores do novo partem para a complementação de suas lacunas iniciais. E, mais uma vez, o tempo se encarregará de demonstrar as deficiências que qualquer ideia, que qualquer teoria formulada por nós, humanos, fatalmente demonstrará. Veja que eu digo tudo isso sem discordar da teoria do senhor, que atribui um papel central ao erro...

**Popper** – É, meu caro, reconheço que a sua descrição do período que, em seu livro, você chama de “ciência normal”, durante o qual os cientistas confiam no paradigma, e procuram aperfeiçoá-lo a partir da observação e da pesquisa institucionalizada, parece muito com a minha concepção da lógica da investigação científica e do método hipotético-dedutivo. Nós dois concordamos que as teorias não fornecem todas as respostas e que, por isso, os problemas existem. Mas isso é muito pouco. Concordamos, também, que a observação dos fenômenos pode confirmar ou desmentir as novas teorias que formulamos, e que chamamos de hipóteses. Chegamos até mesmo a dizer que a mudança pode ser radical, abrupta, repentina. E é essa transformação contundente que você chama de “revolução científica.” E aí a coisa muda de figura. Não tenho nada contra a ideia de revolução... aliás, até teria, no plano político, se estivéssemos falando da revolução marxista, mas aí é outra história, e deixarei para discuti-la com outro interlocutor... Voltando à nossa boa e velha epistemologia, e aos problemas do conhecimento, creio que as revoluções acontecem, tanto quanto você, e creio que elas têm um papel decisivo para o desenvolvimento da ciência. Mas eu não consigo entender como você, depois de uma contribuição tão bonita, vem me falar que não é possível comparar, no plano lógico, os paradigmas rivais...

**Kuhn** – Pois é, professor, mas o senhor mesmo apresenta uma fatura de exemplos, em seus livros, de como a refutação das teorias é custosa. De como seus seguidores procuram imunizá-las contra os fatos, quando eles teimam em desmenti-las. Como os teóricos inventam exceções incabíveis para regras frágeis. E como a comunidade, na falta de algo melhor, vai aceitando essas reformulações, que terminam imunizando a teoria contra toda a crítica e, por isso mesmo, paralisando-a em sua energia criadora. Como, ao usar todas as técnicas da argumentação científica para proteger as suas conclusões, os teóricos deixam de fazer ciência. Nós dois percebemos esses mesmos problemas no estado de ânimo e na postura intelectual dos cientistas, quando eles perdem a humildade diante de uma refutação. E como esse tipo de postura é prejudicial para a ciência. Tudo isso, que foi tão bem percebido por nós dois, serve de prova para o que eu tento dizer em meu livro, e que o senhor rejeita tão obstinadamente:

grandes cientistas vivem muito tempo sustentando posições insustentáveis, e que depois se demonstrarão absurdas, porque, em seu tempo, elas eram a melhor explicação disponível, e porque é muito difícil abrir mão de convicções alimentadas por muito tempo, mesmo que alguns fatos pareçam desmenti-las. Se é assim tão difícil, é porque esses fatos, que eu chamo de anomalias, e que o senhor chama de “conteúdo empírico” das teorias, ou, ainda, adaptando a sua fala, que eu chamaria de campo de refutabilidade, esses fatos não apontam numa só direção. Fatos há para fundamentar os dois paradigmas, e para desmentir ambos. Até aí chegamos juntos. O que eu não me arrisco é na sua aritmética da refutação. Não acho que seja produtivo. E o que eu chamo de “incomensurabilidade” é justamente essa dificuldade de chegar a um resultado lógico e nítido na comparação entre os paradigmas. Um dos dois acaba se afirmando com a passagem do tempo, com o uso prolongado pela comunidade, pela sua capacidade de dar respostas melhores aos problemas mais urgentes do presente, e não por uma medida universal para os problemas de todos os tempos. Novo e velho são irreduzíveis à mesma medida.

**Popper** – Meu jovem, eu nunca disse que seria fácil chegar a um resultado nítido na comparação entre teorias rivais. Nem sempre isso é empiricamente possível, dada a complexidade de ambas. Mas eu insisto que a epistemologia não pode desistir da busca dessa medida, e que essa medida, esse parâmetro de comparação, é logicamente possível. Aceitar a incomensurabilidade é desistir do caráter normativo da epistemologia. É acreditar que só podemos pensar o conhecimento daqui para trás. Vê-lo como ele chegou até nós, analisando o comportamento dos cientistas, sem projetar os desenvolvimentos futuros, e até mesmo sem orientar os pesquisadores de agora num mesmo caminho. Pela sua lógica, é só o próprio paradigma que dita o caminho...

**Kuhn** – Nada impede que agora mesmo estejamos falando de um metaparadigma, de uma teoria guarda-chuva, muitíssimo abrangente, válida no campo da epistemologia, e que esteja nos orientando nessa difícil conversa. Creio que estamos muito mais perto do consenso do que o senhor imagina. Concordamos no fundamental: as teorias são produtos históricos, se desenvolvem com o tempo, não são perfeitas, nem estão dissociadas do contexto social em que surgiram e se desenvolveram. O mundo platônico das formas ideais, essa esperança tranquilizadora para os que buscam a verdade, não existe... Só existe o nosso mundo, feito de homens e inseguranças, muita divergência e algumas felizes compreensões mútuas. Quando um grupo suficientemente grande tem a sorte considerável de concordar quanto a um número suficientemente grande de afirmações sobre um mesmo problema, estamos diante de um paradigma. Pensando juntos, esses homens pensam melhor, e chegam a algum lugar. Levam a ideia até o limite de suas possibilidades. E depois, quando exaurida, se surge alguma

melhor, migram até ela. Esse nomadismo teórico nos define e nos definirá agora e sempre. Só não acho que esse caminho seja uma linha reta, como o senhor quer fazer crer...

**Popper** – Vejo que você é um dos melhores, talvez o melhor de sua geração. Pena que não leve a sua ambição um pouquinho adiante. Falta pouco para que você formule a teoria que nos falta. Mas talvez isso caiba a alguém que virá depois de nós, e esse alguém também deixará incompleta a sua tarefa. Mas eu insisto que a tarefa é possível. A busca pela medida da comparação, pela comensurabilidade entre as teorias, é a nossa missão mais preciosa. É por isso que eu não me conformo em ver que o sujeito que chegou mais perto de encontrá-la diga, em alto e bom som, que a busca é infrutífera e que a medida não existe. É mesmo uma pena. De todo modo, eu já ia me esquecendo: qual o motivo do convite?

**Kuhn** – Bom, professor, acho que já dissemos tudo um ao outro. O que eu pretendia, com o meu convite, era selar a paz. Era dizer que temos mais pontos em comum do que divergências. Era dar fim a essa discussão que já dura tanto tempo e que acirrou ânimos em nossas escolas, em nossos seguidores. Era dizer que, aceitando que nós dois somos falíveis, como o senhor descreve tão bem em seus livros, e que o erro cumpre um papel central em nossas teorias, nós poderíamos, muito bem, trabalhar juntos no mesmo projeto, na mesma construção teórica, no mesmo caminho. Mas a nossa conversa de hoje me fez perceber que, desde que respeitados certos limites de civilidade, o conflito é muito mais produtivo do que a conciliação. Que a nossa contestação recíproca, mesmo que estejamos partindo de pontos muito parecidos, nos leva a aprimorar muito mais as nossas ideias do que faríamos se chagássemos a concordar já na primeira rodada. Talvez alguém, nas próximas gerações, que não tenha presenciado a nossa divergência, e que, de preferência, a desconheça, consiga conciliar as nossas teorias. Talvez isso se torne, daqui a algum tempo, tão óbvio que nós, e os nossos seguidores, sejamos vistos como imbecis, porque não conseguimos remover do caminho uma pedra insignificante. Por ora, devemos nos esforçar ao máximo na crítica do trabalho do outro, na avaliação mais rigorosa possível de suas deficiências, de suas incompletudes. Só assim deixaremos uma contribuição duradoura para a ciência que tanto nos motiva a seguir.

**Popper** – Com isso, meu jovem, sou obrigado a concordar...